

Acritica
6/4/97 E3
263

Exploração de granito tem parecer contrário do DNPM

O projeto pretende explorar granito em 25 áreas indígenas de São Gabriel da Cachoeira

Carlos Branco

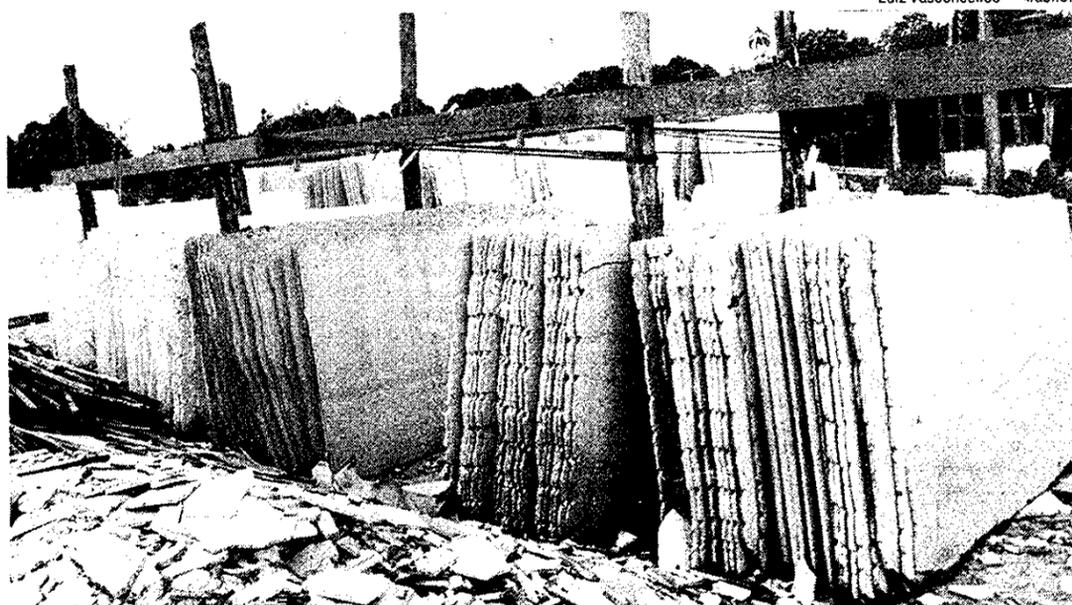
O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão do Ministério das Minas e Energia, emitiu parecer contrário a um projeto de exploração de granito em 25 áreas indígenas no município de São Gabriel da Cachoeira, a 852 quilômetros de Manaus. A implantação do projeto envolve recursos de R\$ 6,5 milhões.

No despacho, o chefe do órgão, Fernando Lopes Burgos, argumenta que só o Congresso Nacional pode autorizar a exploração. O problema é que até agora não foram regulamentados os Artigos 176 e 231, parágrafos 1º e 3º, respectivamente, da Constituição Federal, que tratam da pesquisa e lavra de minérios em terras indígenas.

"É um absurdo que uma legislação anacrônica como essa possa jogar por terra um projeto tão importante para a economia em particular para o município de São Gabriel da Cachoeira e em geral para o Estado do Amazonas", desabafou Francisco Vasconcelos Flores, 57 anos, autor do projeto, que tinha o incentivo do governo do Estado.

De acordo com a proposta, a exploração de granito em São Gabriel geraria de imediato 140 empregos diretos e o dobro indiretamente. Estima-se, ainda, que só com custeio de mão-de-obra circulariam no município mensalmente R\$ 40 mil. Além disso, o Amazonas atingiria em pouco tempo a auto-suficiência na produção de granito inclusive com capacidade de exportação para dentro e fora do País.

Atualmente, o mercado local é abastecido com granito fornecido por Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, e sai ao consumidor entre R\$ 65 e R\$ 90 o metro quadrado. Flores garante que a exploração do produto em SGC significaria uma re-



Loja especializada exhibe peças em granito, um recurso ainda pouco utilizado pelos manauenses

dução expressiva de preço. "No mínimo, em 50%", comentou.

Ralo — Do montante previsto para o projeto, cerca de 190 mil chegaram a ser aplicados na perfuração de 16 áreas - serviço esse contratado à empresa paulo Orcioli e Sociedade Ltda - e na criação da Indústria de Granito do Rio Negro S.A cujo contrato foi arquivado no dia quatro do mês passado no DNPM. Dinheiro que, segundo Flores, foi pelo ralo.

Os estudos preliminares revelaram que existem oito tipos de granito nas 25 áreas de abrangência do projeto. Áreas essas, que inclusive já estão loteadas por quatro empresas do setor mineral: Best-Sold, Frank Cruz, Cooperativa de Garimpeiros do Estado do Amazonas e Calcária

Amazonas. Mas que não se opuseram a sair delas, desde que fossem devidamente indenizadas.

Impacto ambiental — Flores não quis comentar se o projeto, antes de ser elaborado, foi discutido com a sociedade civil de SGC, incluindo a Federação Nacional dos Índios. Cuidado este que está tendo o prefeito daquela cidade também interessado na exploração do granito (ver box).

Baseado na análise técnica feita pelo IPAAM (Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas), o empresário assegura que o impacto do projeto para o meio-ambiente seria muito pequena comparado aos benefícios que o mesmo traria à economia do município e, por tabela, ao Estado. "E, para mim, isso basta", concluiu.

Ousadia é a marca de Francisco Flores

Aos 57 anos, o empresário Francisco Vasconcelos Flores pode se considerar um homem vitorioso. Um dia, porém, ele foi tachado de louco por seus amigos. O motivo? Ter investido R\$ 8 milhões no Hiper da Construção, uma das maiores lojas do ramo em Manaus. O tempo mostrou o contrário.

"Como mostraria novamente se me fosse dada a oportunidade de levar a cabo meu projeto de explorar granito em São Gabriel da Cachoeira, apesar das adversidades logísticas", declarou, com a voz firme e decidida de quem está prestes a realizar o maior projeto social da sua vida: a construção de uma escola para 60 alunos no quilômetro 28 da Estrada Manaus - Itacoatiara.

A escola levará o nome de sua mãe, Raimunda Flores, e viabilizará a formação profissional de 30 meninos e 30 meninas, da alfabetização ao 2º grau. Os recursos, garante, sairão do caixa de suas próprias empresas. A pedra fundamental da escola deverá ser lançada na primeira quinzena de maio.

Mercado local tem demanda reduzida

No mercado local ainda é pequena a demanda por granito. A prova disso é que poucos imóveis ostentam na fachada o produto. O prédio do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) é uma exceção. O motivo pode ser o preço que, em Manaus, sai entre R\$ 60 e R\$ 90 o m² do granito mais simples.

"Poderia ser pelo menos 30% mais barato", assegura o sócio-proprietário da Muralha, José Mário, que possui entre seus clientes algumas das maiores empresas do ramo de construção na cidade. Localizada na avenida Pedro Teixeira, 500, a Muralha movimentava mensalmente cerca de 2 mil m² de granito, dos quais 60% de coloração cinza.

Embora não existam dados concretos acerca da demanda local, estima-se que a mesma oscila entre 4 e 5 mil m² por mês. O que não chega a ser inexpressiva se considerarmos que nacionalmente a demanda não vai além de 150 mil m². Para José Mário, uma sacudida nesse setor só mesmo se houvesse uma reordenação dos projetos na área da construção civil. O problema é que esse segmento também está com a demanda retraída.

O que é

O granito é uma formação rochosa, de profundidade caracterizada essencialmente por quartzo e feldspato (designação comum ao silicato de alumínio e de um ou mais metais alcalinos ou alcalino-terrosos, mais comumente potássio, sódio e cálcio, de cor clara, componentes das rochas eruptivas). Pode ser encontrado na parte rasa ou mais profunda da terra.

Quanto à textura, existem três tipos de granito: mole, médio e duro. Cada um dos tipos é proveniente de uma jazida diferente. O granito varia ainda quanto à coloração. A mais comum é a cinzenta. O mais rara é o azul bahia, a ponto de ser considerada pedra semi-preciosa.

O produto é explorado em blocos de até 10 m³, que em seguida são serrados em chapas de 2 a 3 centímetros, em média. Feito isso, as chapas são levadas para o polimento. Serviço esse que demora de acordo com o tamanho da peça e que no Brasil segue toda uma tecnologia importada da Itália. Só depois do polimento as chapas entram na área de corte para a demanda de mercado, onde o produto é utilizado principalmente no acabamento fino das construções, seja em forma de pia, bancada, piso ou fachada.